PREFÁCIO

Um homem alto está numa praça, numa rua, atravessa um comboio, senta-se num autocarro. O que é ser alto? Digamos: uma cabeça acima da média. Alto o suficiente para que outros homens altos também pensem: ali vai um homem alto.
O homem alto precisa de alguma coisa. As suas mãos são grandes, a sua voz chega longe.
Tem duas possibilidades: pode, ambicioso, querer moldar o mundo à sua vontade. Já sobressai acima de tudo, basta-lhe manifestar a sua estatura no comportamento, nos atos, nas opiniões. Será ouvido de qualquer maneira, será visto de qualquer maneira. É a natureza e, ao que parece, o seu direito de nascença. Um leão é um leão. É essa a ideia.

Nesse cenário, o homem alto está acima do mundo. Mas e se o homem alto quiser entrar no mundo? É uma diferença essencial. Não pode andar curvado pela vida, não pode fazer-se mais pequeno do que é. Por isso procura um intermediário. Tem de encontrar algo que possa pôr entre si e as pessoas, e que o aproxime delas.
Um dia sabe-o: uma câmara.
1) Rob Rombout é fotógrafo e cineasta. 2) É um homem alto, mesmo para os padrões neerlandeses. É sem dúvida a minha falta de imaginação, mas recuso-me a ver outra relação entre estes dois dados.

Quase todos os fotógrafos explicam a sua necessidade de fotografar de forma psicológica: eu era tão tímido, e com a câmara venci a timidez. Ou: nunca senti que pertencia, mas a câmara deu-me uma forma de ligação. Uma vez ouvi um fotógrafo dizer: comecei a fotografar porque não sabia o que fazer com as mãos.
Quando se veem os retratos de Rob Rombout, o que chama a atenção é a proximidade. Não quero dizer que sejam grandes planos. Quero dizer que ele espera, até que uma pose se desfaça, até que o maxilar se descontraia, até que os ombros descaiam. Só a câmara lhe permite aproximar-se tanto.

Nas fotografias que reuniu veem-se rostos suaves, olhos tranquilos. Nos retratos que Rob fez de mim, usou um método, digamos, verbal. Rob é um barril ambulante de histórias, e esse barril tem uma fuga, porque as histórias não param de sair e nunca se esgotam. Quando estive diante da sua câmara, ele falava e falava, e chegou um momento em que deixei de querer responder às suas histórias com as minhas (como disse à minha namorada: finalmente conheci um homem que fala mais do que eu!) e deixei as piadas passar por mim, até que acabei só a ouvir, sem pensar ativamente, sem posar ativamente.

Henri Cartier-Bresson falou um dia do «momento decisivo», em que o fotógrafo tem de disparar; referia-se a um momento dinâmico, a um acontecimento agudo. Para Rob, o momento decisivo parece ser aquele em que algo para, em que algo sossega.

A fotografia que me fez não é a minha fotografia preferida de mim, porque quem quer ver-se desarmado? Mas a fotografia é quem eu sou.
O que Rob procura é, e aqui volto a especular, ele próprio. É um homem alto, de cabelo comprido. Usa sapatos pesados, roupa preta. É fotógrafo, cineasta, professor; vem dos Países Baixos, vive em Portugal, trabalha em Bruxelas, fez filmes por todo o mundo. Sempre o conheci de uma paciência improvável, nunca o apanhei com opiniões duras. O que quero dizer é que não se descobre nele qualquer pretensão. É isso que ele procura também nas suas fotografias.

Estas são histórias de que me lembro sobre Rob: que numa ilha francesa do oceano Índico, a semanas de navegação do resto do mundo habitado, assistiu a um ritual em que o soldado mais novo tinha de se vestir de noiva e dançar com os outros soldados, e que Rob achou aquilo assustador. Que a caminho da ilha passou muito tempo amarrado à cama, porque o navio subia as ondas quase na vertical. Que, por acaso, se tornou dono de um hotel no norte de França. Que dormiu em tendas no Polo Norte, e que à volta dessas tendas estavam esticadas quatro linhas com petardos presos, para afastar os ursos polares curiosos que por ali passassem. Na primeira manhã, Rob saiu da tenda e pisou logo uma linha. Bum. Não há problema, disse o guia, podemos pôr as três linhas que restam em triângulo à volta das tendas. Na segunda manhã, Rob saiu da tenda, bum, outra vez em cima de

uma linha. Já não era possível proteger o acampamento. Os ursos polares não deram por nada.
Há com certeza histórias que ilustram melhor a vida de Rob, mas o que estas têm em comum é o acaso, a circunstância que decide. Nenhum plano rigorosamente traçado de antemão. Como autor, Rob é um homem alto que não quer moldar o mundo à sua vontade, mas quer entrar no mundo.

Quando Rob fez um filme curto sobre mim, gravou primeiro todas as entrevistas num estúdio em Bruxelas. Só depois começaram as filmagens: na Letónia, viajámos de autocarro e de comboio. Porquê a Letónia? Não faço ideia. Porque nenhum de nós lá tinha estado. Lembro-me de que tinha um prazo para cumprir. De que estava preocupado com as eleições americanas que se aproximavam. De que estava a ler um livro sobre Lincoln. De que a aplicação Pokémon tinha acabado de sair. De que estava numa crise crónica de relação. Nada disso importa. O que importava era que viajávamos num comboio de Riga para a fronteira russa e que, para um plano, eu tinha de olhar em frente, um pouco vazio.
Rob, aquele homem grande, estava mesmo em cima de mim, com uma câmara e um técnico de som.

A carruagem-restaurante era revestida de madeira envernizada, um empregado de casaco de smoking preparava cocktails. Era um glamour de antes da guerra, mas um falso glamour. Porque no compartimento havia ecrãs onde passavam videoclipes russos, clipes que, mais uma coisa que aprendi, estavam no máximo a um ou dois centímetros de tecido de

biquíni da pornografia. E eu olhava em frente. Rob ao meu lado. Um plano que tinha de ser repetido uma e outra vez.
A artista de performance Marina Abramović disse um dia: gosto do momento em que deixa de ser uma performance e se torna a tua vida real. No comboio, de uma maneira ou de outra, o meu prazo desapareceu, e as minhas preocupações também; a paciência de Rob tornou-se a minha paciência, já não estava ali sentado a fazer alguma coisa, estava apenas a estar. Um momento de simplicidade que podia ter durado muito mais tempo.

Joost de Vries

Prefácio de Rob Rombout, PORTRAITS / on the road, Yellow Now, Côté photo, 2024. Tradução provisória do original neerlandês, 2026.